

## “O QUE É A LITERATURA COMPARADA HOJE?”, DE SUSAN BASSNETT<sup>1</sup>

Tiago Marques Luiz\*

**RESUMO:** A discussão sobre a Literatura Comparada remonta ao século XIX, tendo como característica preponderante o cotejo de autores sob a égide da influência, no entanto, como será discorrido neste texto, a Literatura Comparada expandiu seu horizonte, saindo da vertente literária e indo rumo à discussões de natureza delicada e complexa como o pós-colonialismo, os estudos feministas e os estudos da tradução. Por mais que se tente propor uma definição de o que é a Literatura Comparada, as abordagens dos campos do conhecimento revisam o signo do cotejo e propõem uma visão mais integrada, amparada por um instrumental analítico de uma área correspondente. Dessa maneira, a abordagem comparatista se reinventa a cada diálogo com um campo do conhecimento. Susan Bassnett, teórica renomada da Literatura Comparada e dos Estudos da Tradução, levanta a questão sobre o que é o domínio comparatista e, apesar de seu texto ter sido publicado em 1993, a discussão permanece constante.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada. Pensamento crítico. Susan Bassnett. Evolução da disciplina.

**ABSTRACT:** The discussion about Comparative Literature dates back to the 19th century, having as its main characteristic the comparison of authors under the aegis of influence, however, as will be discussed in this text, Comparative Literature has expanded its horizon, leaving the literary aspect and heading towards discussions of a delicate and complex nature such as postcolonialism, feminist studies and translation studies. As much as one tries to propose a definition of what Comparative Literature is, approaches from the fields of knowledge review the sign of the comparison and propose a more integrated vision, supported by an analytical instrument of a corresponding area. In this way, the comparative approach reinvents itself in each dialogue with a field of knowledge. Susan Bassnett, renowned theorist of Comparative Literature and Translation Studies, raises the question of what the comparative domain is and, despite her text having been published in 1993, the discussion remains constant.

**Keywords:** Comparative Literature. Critical thinking. Susan Bassnett. Discipline evolution.

### Apresentação da tradução

O texto “*What is comparative literature today*” foi publicado como capítulo de livro no livro “*Comparative literature: a critical introduction*”, de Susan Bassnett, publicado em 1993 pela Wiley Blackwell. A proposta de traduzi-lo em nossa língua portuguesa se deve tanto à relevância de Bassnett para os campos da Literatura Comparada [doravante LC] e dos Estudos da Tradução [doravante ET], como também pela pertinência de como a Literatura Comparada

---

<sup>1</sup> Os direitos de tradução foram adquiridos pelo tradutor. Onde se lê N.T., entenda-se como Nota do Tradutor.

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Graduando em Tradução pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci.

se faz presente no campo das Letras e seus domínios adjacentes. Bassnett faz uma historicização de como esse domínio tão rico evoluiu ao longo dos séculos XIX e XX [mais precisamente nesse], tocando em questões delicadas como o pós-colonialismo e a tônica da questão de fontes e influências.

A estudiosa resgata discussões sobre o que se entende por Literatura Comparada, não chegando a um consenso, o que é muito válido, por sinal, pois à medida que esse domínio adentrou outras esferas como o colonialismo e o orientalismo, por exemplo, a LC foi ganhando novos contornos para sua compreensão e novos olhares, como o do oriental ou do colonial, fazendo com que nós, comparatistas, nos atentemos à perspectiva do Outro e permitamos que o Outro nos ressignifique e enriqueça, assim como a própria literatura produzida pelos países colonizados.

Ampliando o escopo da Literatura Comparada, a autora nos guia ao campo dos Estudos da Tradução, a partir da teoria dos polissistemas do grupo de Tel-Aviv, em Israel, que norteou uma nova percepção para o fenômeno tradutório, distanciando da noção prescritiva da tradução enquanto uma reprodução *ipsis litteris* do original e da noção da tradução como obra derivada, em um tom pejorativo. Não obstante, os ET eram um subdomínio da LC, no entanto, em um capítulo publicado na mesma coletânea, a autora revê esse ponto de vista e o inverte, realçando o papel do tradutor em vários domínios, amparados pela abordagem comparatista. Com isso, tanto a LC como os ET estão em pé de igualdade e se auxiliam de forma positiva, sem sublimar ou menosprezar um ao outro.

Espero que essas reflexões de Susan Bassnett, agora traduzidas, complementem as pesquisas Literatura Comparada em nossa academia, servindo como um amparo teórico e crítico para aqueles que estudam Literatura Comparada e áreas afins, como os docentes, discentes e pesquisadores que se enveredam no domínio comparatista.

----

Em algum momento, qualquer um que afirme estar trabalhando em literatura comparada tem que tentar responder à pergunta inevitável: o que é isso? A resposta mais simples é que a literatura comparada envolve o estudo de textos entre culturas, que é interdisciplinar e que se preocupa com padrões de conexão em literaturas através do tempo e do espaço. A maioria das pessoas não começa com a literatura comparada, acaba com ela de uma forma ou de outra, viajando em direção a ela a partir de diferentes pontos de partida. Às vezes, a jornada começa com o desejo de ir além de uma área temática que pode parecer muito

restritiva, outras vezes o leitor pode ser forçado a seguir o que parecem ser semelhanças entre textos ou autores de diferentes contextos culturais. Alguns leitores podem simplesmente seguir a visão proposta por Matthew Arnold em sua Palestra Inaugural de Oxford em 1857, quando ele disse:

Em todo lugar existe conexões e ilustrações. Nenhum evento único, nenhum documento único é totalmente compreendido, a menos que esteja relacionado a outros eventos, outros documentos (ARNOLD, 1857, s/p, tradução minha<sup>2</sup>).

Quase se poderia argumentar que qualquer pessoa interessada em livros está embarcando no que poderia ser chamado de leitura da literatura comparada: ao ler Chaucer, nos deparamos com Boccaccio; podemos rastrear o material de origem de Shakespeare em latim, francês, espanhol e italiano; podemos explorar como o romantismo se desenvolveu na Europa em uma época semelhante, traçar o processo pelo qual o fascínio de Baudelaire por Edgar Allan Poe enriqueceu sua própria escrita, considerar quantos romancistas ingleses aprenderam com grandes escritores russos (em tradução, é claro) comparar como James Joyce emprestou e foi emprestado a Italo Svevo. Quando lemos Clarice Lispector, nos lembramos de Jean Rhys, a qual, no que lhe diz respeito, cita Djuna Barnes e Anaïs Nin. A lista de exemplos que podemos encontrar é interminável. Quando iniciamos a leitura, cruzamos fronteiras, fazendo associações e conexões, lendo não mais dentro de uma literatura, mas no grande e aberto espaço da Literatura com L maiúsculo, que Goethe chamou de *Weltliteratur*. Goethe observou que gostava de “se manter informado sobre produções estrangeiras” (GOETHE, 1973<sup>3</sup>, p. 6, tradução minha<sup>4</sup>) e aconselhou todos os outros a fazerem o mesmo. “Está se tornando cada vez mais óbvio para mim”, observou ele, “que a poesia é propriedade comum de toda a humanidade” (GOETHE, 1973, p. 6, tradução minha<sup>5</sup>).

Nesta conjuntura, é perdoável supor que a literatura comparada nada mais é do que senso comum, uma fase inevitável da leitura, facilitada pela comercialização internacional de livros e pela disponibilidade de traduções. No entanto, se mudarmos um pouco nossa perspectiva e olharmos novamente para o termo “literatura comparada”, veremos que é uma história de intenso debate que remonta aos primeiros usos do termo no início do século XIX e que perdura até hoje. No final do século XX, os críticos da era pós-moderna ainda se debatiam com as mesmas perguntas feitas há mais de um século: qual é o objeto da literatura comparada?

---

<sup>2</sup> No original: Everywhere there is connection, everywhere there is illustration. No single event, no single literature is adequately comprehended except in relation to other events, to other literatures.

<sup>3</sup> N.T.: Em busca do registro do nome do tradutor responsável pela tradução do texto original alemão, constatou-se que não há crédito ao tradutor inglês. Portanto, a referência do texto Goethe constará sem o nome do tradutor.

<sup>4</sup> No original: “keep informed about foreign productions”

<sup>5</sup> No original: “that poetry is the common property of all mankind”

Como pode a comparação ser o objeto de qualquer coisa? Se as literaturas individuais têm um cânone, o que poderia ser um cânone comparativo? Como os comparatistas escolhem o que comparar? A Literatura Comparada é uma disciplina? Ou é apenas um campo de estudo? Esses e muitos outros problemas não podem desaparecer e, desde a década de 1950, ouvimos com frequência Rene Wellek defini-lo como “a crise da literatura comparada” (WELLEK, 1963, p. 282, tradução minha<sup>6</sup>).

A literatura comparada como termo parece gerar forte entusiasmo, tanto a favor quanto contra. Já em 1903, Benedetto Croce descartou a literatura comparada como uma não disciplina, descartando com desdém a sugestão de que poderia ser considerada uma disciplina separada. Ele definiu a literatura como a exploração de “os acontecimentos, as alterações, as agregações, os desenvolvimentos e as influências recíprocas” (CROCE, 1994, p. 61) de temas e ideias literárias, e concluiu que “não há estudo mais árido do que este” (CROCE, 1994, p. 61). Segundo Croce, esse tipo de trabalho deve ser classificado como “pesquisas de mera erudição” (CROCE, 1994, p. 61). Ele sugeriu que o objeto apropriado de estudo deveria ser a história literária, não a chamada literatura comparada:

história comparada da literatura é a história entendida como explicação completa da obra literária, investigada em todas as suas relações, posta no campo da história universal (e onde mais poderia ser colocada?), vista em todas aquelas conexões e preparações que a esclarecem (CROCE, 1994, p. 63).

O argumento de Croce era que o termo “literatura comparada” era ofuscante, disfarçando o óbvio, ou seja, o fato de que o verdadeiro objeto de estudo era a história literária. Considerando os pronunciamentos sobre literatura comparada feitos por estudiosos como Max Koch, fundador e editor dos dois periódicos comparativos alemães, *Zeitschrift für vergleichende Literatur* (1887-1910) e *Studien zur vergleichenden Literaturschichte* (1901-9), Croce afirmou não saber distinguir entre a história literária pura e simples e a história literária comparada. O termo “literatura comparada”, segundo ele, não tinha substância. Mas outros estudiosos fizeram reivindicações grandiosas para a literatura comparada. Charles Mills Gayley, um dos fundadores da literatura comparada norte-americana, proclamou no mesmo ano do ataque de Croce que a premissa de trabalho do estudante de literatura comparada era:

a literatura enquanto meio de pensamento distinto e integral, expressão institucional comum da humanidade, diferenciada, sem dúvida, pelas condições sociais do indivíduo, pelas influências, oportunidades e restrições

---

<sup>6</sup> No original: “the crisis of Comparative Literature”.  
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.74-87, 2022.

raciais, históricas, culturais e linguísticas, mas, independentemente da idade ou da aparência, motivada pelas necessidades e aspirações comuns do homem, surgiu de faculdades comuns, psicológicas e fisiológicas, e obedecendo a leis comuns de material e modo, da humanidade individual e social (GAYLEY, 1903, p. 59, tradução minha<sup>7</sup>).

Sentimentos notavelmente semelhantes aos expressos em 1974 por François Jost, quando argumentou que a “literatura nacional” não pode constituir um campo inteligível de estudo devido à sua “perspectiva arbitrariamente limitada”, e que a literatura comparada

representa mais do que uma disciplina acadêmica. É uma visão globalizante da literatura, do mundo das letras, uma ecologia humanística, uma *Weltanschauung* literária, uma visão do universo cultural, englobante e abrangente (JOST, 1994, p. 344, tradução de Neusa da Silva Matte<sup>8</sup>).

Tais afirmações vão muito além do metodológico e lançam alguma luz sobre por que o debate sobre literatura comparada deveria ter sido tão acirrado. Para Jost, como Gayley e outros antes dele, estão propondo a literatura comparada como uma espécie de religião mundial. A sugestão subjacente é que todas as diferenças culturais desaparecem quando os leitores adotam grandes obras; a arte é vista como um instrumento de harmonia universal e o comparatista é aquele que facilita a propagação dessa harmonia. Além disso, o comparatista deve possuir habilidades especiais; Wellek e Warren em seu *Teoria da Literatura*, um livro que foi enormemente significativo na literatura comparada quando apareceu pela primeira vez em 1949, sugerem que:

O estudo da literatura comparada, nesse sentido, fará elevadas exigências à proficiência linguística dos nossos estudiosos. Pede um alargamento de perspectivas, uma supressão de sentimentos locais e provincianos, difícil de conquistar (WELLEK; WARREN, 2003, p. 53, tradução de Luis Carlos Borges<sup>9</sup>).

O comparatista é apresentado aqui como uma pessoa com vocação, como uma espécie de embaixador internacional que atua na literatura comparada das Nações Unidas. Wellek e Warren argumentam que “a literatura é uma, como a arte e a humanidade são uma” (WELLEK,

---

<sup>7</sup> No original: “literature as a distinct and integral medium of thought, a common institutional expression of humanity; differentiated, to be sure, by the social conditions of the individual, by racial, historical, cul-tural and linguistic influences, opportunities, and restrictions, but, irrespective of age or guise, prompted by the common needs and aspirations of man, sprung from common faculties, psychological and physiological, and obeying common laws of material and mode, of the individual and social humanity”.

<sup>8</sup> represents more than an academic discipline. It is an overall view of literature, of the world of letters, a humanistic ecology, a literary *Weltanschauung*, a vision of the cultural universe, inclusive and comprehensive

<sup>9</sup> No original: “The study of comparative literature in this sense will make high demands on the linguistic proficiencies of our scholars. It asks for a widening of perspectives, a suppression of local and provincial sentiments, not easy to achieve.”

WARREN, 2002, p. 53). É uma visão idealista que retorna na esteira de grandes crises internacionais; Goethe pôde corajosamente (e muito mal) dizer em 1827 que “a literatura nacional significa pouco agora”, e Welck e Warren ofereceram uma contrapartida cultural ao movimento em direção à Assembleia das Nações Unidas que foi sentido tão fortemente após a Segunda Guerra Mundial.

Os altos ideais de tal visão da literatura comparada não foram cumpridos. Dez anos após o surgimento de *Teoria da Literatura*, Welck já falava em uma crise nos estudos comparados, e mesmo que o tema parecesse ganhar importância nos anos 1960 e início dos anos 1970, como já previsto, começaram a surgir falhas na ideia de valores universais e literatura. As grandes ondas de pensamento crítico que varreram uma após a outra – do estruturalismo ao pós-estruturalismo, do feminismo à desconstrução, da semiologia à psicanálise – desviaram a atenção da atividade de comparar textos e rastrear padrões de interação entre escritores para o papel do leitor. E quando cada nova onda quebrava a anterior, as ideias sobre leituras únicas e harmoniosas desabavam para sempre.

Nos anos 1950 e início dos anos 1960, graduados proeminentes no Ocidente se voltaram para a literatura comparada como um assunto radical porque na época parecia transgressivo, cruzando as fronteiras de um único estudo literário. Não importava que não houvesse uma metodologia consistente, nem que os debates sobre a existência ou não do tema tivessem continuado desde o século anterior.

“Gastamos muita energia falando [...] sobre literatura comparada e pouca sobre literatura comparativa” (LEVIN, 1972<sup>10</sup>, p. 89, tradução minha<sup>11</sup>), queixou Harry Levin em 1969, incentivando mais trabalho prático e menos preocupação com a teoria. Mas a oferta de Levin não era mais válida; ao final da década de 1970, uma nova geração de graduados de alto escalão no Ocidente voltou-se para a teoria literária, estudos feministas, semiótica, cinema, estudos de mídia e estudos culturais como escolhas temáticas radicais, abandonando a literatura comparada em favor do que era cada vez mais visto como dinossauros da pré-história liberal-humanista.

No entanto, mesmo com a continuação do processo no Ocidente, a literatura comparada começou a ganhar popularidade no resto do mundo. Novos programas de literatura comparada começaram a aparecer na China, Taiwan, Japão e outros países asiáticos,

<sup>10</sup> N.T.: Há uma inconsistência na referência. Bassnett menciona 1969 como o ano em que Levin proferiu a conferência, no entanto, na guia referência do seu livro, a referência ao texto data de 1968. Portanto, para evitar confusão, optamos pelo ano da publicação do texto em 1972, cuja referência apresento ao final da tradução.

<sup>11</sup> No original: “We spend far too much of our energy talking [...] about Comparative Literature and not enough of it comparing the literature”

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.74-87, 2022.

independentemente de sua base; não em qualquer ideal de universalismo, mas no mesmo aspecto da pesquisa literária que muitos comparatistas ocidentais tentaram negar: a especificidade das literaturas nacionais. Como Swapan Majumdar colocou:

é por causa dessa propensão à literatura nacional - muito lamentada pelos críticos anglo-americanos como metodologia - que a literatura comparada se enraizou nos países do Terceiro Mundo, especialmente na Índia (MAJUMDAR, 1987, p. 53, tradução minha<sup>12</sup>).

Ganesh Devy vai além e sugere que a literatura comparada na Índia está diretamente relacionada ao desenvolvimento do nacionalismo indiano moderno, observando que a literatura comparada tem sido “usada para validar a identidade cultural nacional” (DEVY, 1987<sup>13</sup>, s/p, tradução minha<sup>14</sup>). Não faz sentido aqui que a literatura nacional e a comparada sejam incompatíveis entre si. O trabalho dos comparatistas indianos é caracterizado por uma mudança de perspectiva. Durante décadas, a literatura comparada começou com a literatura ocidental e olhou para fora; agora o que está acontecendo é que o Ocidente está sendo examinado de fora. Majumdar aponta que o que os estudiosos indianos chamam de literatura ocidental, independentemente da precisão geográfica, inclui aquelas literaturas que derivam de matrizes greco-romanas via cristianismo, e ele denomina inglês, francês, alemão etc., de “literaturas subnacionais”.

É bastante claro que o que ele traz para os estudos comparados, como é usado, é uma perspectiva radicalmente alternativa e uma reavaliação do discurso da literatura “nacional”. Assim como nós, no Ocidente, estamos acostumados a pensar em termos de “grande” literatura, “maioria” versus “minoría”, a perspectiva indiana expressa por Majumdar é surpreendente. Homi Bhabha resume a nova ênfase em um ensaio que discute a ambivalência da cultura pós-colonial sugerindo que “em vez de referências cruzadas, há um corte eficaz e produtivo de lugares de significado social que oblitera o sentido dialético e disciplinar de referência e significado “cultural” (BHABHA, 1990, p. 208, tradução minha<sup>15</sup>).

---

<sup>12</sup> No original: “it is because of this predilection for National Literature - much deplored by the Anglo-American critics as a methodology - that Comparative Literature has struck roots in the Third World nations and in India in particular”.

<sup>13</sup> N.T.: Em contato com o autor Ganesh Devy, não foi possível ter acesso ao referido texto, pois o autor doou seus materiais a várias bibliotecas da Índia, os quais foram compilados numa coleção do Nehru Memorial Library em 2013, assim como o referido texto. Após contato com o memorial, não foi possível encontrar também o referido texto e nem o website do periódico *New Quest*, pois ele cessou de existir após o falecimento do seu editor há 15 anos atrás.

<sup>14</sup> No original: “used to assert the national cultural identity”

<sup>15</sup> No original: Instead of cross-referencing there is an effective, productive cross-cutting across sites of social significance, that erases the dialectical, disciplinary sense of 'Cultural' reference and relevance. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.74-87, 2022.

Os desenvolvimentos na literatura comparada além da Europa e da América do Norte de fato atravessam todos os tipos de suposições sobre literatura que passaram a ser cada vez mais vistas como eurocêntricas. Wole Soyinka e toda uma série de críticos africanos expuseram a influência generalizada de Hegel, que argumenta que a cultura africana era "fraca" em contraste com o que ele afirmava serem culturas superiores e mais desenvolvidas, e que efetivamente negaram à África uma história. James A. Snead, em um ensaio atacando Hegel, aponta que:

Um fato marcante da cultura europeia no final do século XX é sua constante reconciliação com a cultura negra. Pode ser um mistério que tenha demorado tanto para ver os elementos da cultura negra já de forma latente e perceber que a divisão entre as culturas pode ter sido o tempo todo não de ordem natural, mas de força (SNEAD, 1984, p. 75, tradução minha<sup>16</sup>).

Portanto, o que temos hoje é um quadro muito diversificado de pesquisa em literatura comparada que varia de acordo com o local onde ocorre. Críticos africanos, indianos e caribenhos questionaram a recusa de grande parte da crítica literária ocidental em aceitar as implicações de suas políticas literárias e culturais. Terry Eagleton argumenta que “literatura, no sentido que herdamos da palavra, *é* uma ideologia” (EAGLETON, 2006, p. 33, itálico no original, tradução de Waltensir Dutra<sup>17</sup>) e discute como o surgimento do inglês como disciplina acadêmica no século XIX teve implicações políticas bastante claras. Ele afirma que o estabelecimento dessa disciplina nas universidades foi consequência das extensas mudanças sociais que se seguiram à Primeira Guerra Mundial:

A Grande Guerra, com a sua carnificina da retórica da classe governante, acabou com algumas das formas mais gritantes de chauvinismo, que florescera antes na Inglaterra [...] A literatura inglesa ascendeu ao poder às costas do nacionalismo de guerra; mas ela também representou uma busca de soluções espirituais por parte de uma classe governante inglesa, cujo senso de identidade havia sido profundamente abalado [...]. A literatura seria ao mesmo tempo um consolo e uma reafirmação, um terreno familiar no qual os ingleses podiam se reagrupar para explorar e para encontrar uma alternativa ao pesadelo da história (EAGLETON, 2006, p. 45<sup>18</sup>)

---

<sup>16</sup> No original: The outstanding fact of late twentieth-century European culture is its ongoing reconciliation with black culture. The mystery may be that it took so long to discern the elements of black culture already there in latent form, and to realize that the separation between the cultures was perhaps all along not one of nature, but one of force.

<sup>17</sup> No original: “literature, in the meaning of the word we have inherited, *is* an ideology.”

<sup>18</sup> No original: “The Great War, with its carnage of ruling class rhetoric, put paid to some of the more strident forms of chauvinism on which English had previously thrived ... English Literature rode to power on the back of wartime nationalism; but it also represented a search for spiritual solutions on the part of the English ruling class whose sense of identity had been profoundly shaken ... Literature would be at once solace and reaffirmation, a familiar ground on which Englishmen could regroup both to explore; and to find some alternative to, the nightmare of history”.

A explicação de Eagleton sobre a ascensão dos ingleses está de acordo com as aspirações de muitos dos primeiros comparativistas por um tópico que transcendesse as fronteiras culturais e unisse a humanidade através do poder civilizador da grande literatura. Mas assim como o próprio inglês entrou em crise (o que é exatamente o inglês hoje? Literatura produzida dentro das fronteiras geográficas da Inglaterra? Do Reino Unido? Ou literatura escrita em inglês de todas as partes do mundo? Os velhos tempos em que em inglês significavam textos de Beowulf a Virginia Woolf já se foram, e a questão do que incluir e excluir do currículo de inglês é muito incômoda); assim também, a literatura comparada tem sido desafiada pelo surgimento de escolas de pensamento alternativas.

A obra de Edward Said, um pioneiro do conceito de “Orientalismo”, forneceu a muitos críticos um novo vocabulário. A tese de que “o Oriente era uma palavra que acrescentou a esta um largo campo de sentidos, associações e conotações, e que estas não se referiam necessariamente ao Oriente real, mas ao campo que rodeava a palavra” (SAID, 1990, p. 210, tradução de Tomás Rosa Bueno), fornece a base para ensaios como “**Mito sobre outro: a China aos olhos do Ocidente**<sup>19</sup>” de Zhang Longxi, no qual se argumenta que “para o Ocidente, a China, como terra no Oriente, tradicionalmente se torna a imagem do Outro supremo” (LONGXI, 1989, p. 190, tradução minha<sup>20</sup>). O desafio colocado por críticos não europeus ao processo sistemático das nações colonizadoras de 'inventar' outras culturas trouxe, firmemente, a ideologia de volta na agenda dos estudos literários.

Um currículo para a literatura europeia ou norte-americana podia, até recentemente, lidar principalmente com o cânone estabelecido de grandes escritores. Mas um currículo desenvolvido em uma cultura não europeia, particularmente em um período de colonização por uma potência ocidental, deve abordar questões completamente diferentes. Daí, por exemplo, a espinhosa questão de Shakespeare na Índia, um escritor canônico saudado no século XIX como o epítome da grandeza inglesa. Os estudantes indianos, portanto, têm o problema de lidar com Shakespeare não apenas como uma grande figura da literatura europeia, mas também como representante dos valores coloniais: dois Shakespeares em vigor e em conflito um com o outro. Uma maneira de resolver esse problema é comparar Shakespeare, estudar a aparência de Shakespeare na vida cultural indiana e comparar sua obra com a de escritores indianos.

O crescimento da consciência nacional e a consciência da necessidade de ir além do legado colonial levou significativamente ao desenvolvimento da literatura comparada em

---

<sup>19</sup> N.T: Sugestão de tradução para o título em inglês “The Myth of the Other: China in the Eyes of the West”

<sup>20</sup> No original: “for the West, China as a land in the Far East becomes traditionally the image of the ultimate Other” Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.74-87, 2022.

muitas partes do mundo, mesmo quando o assunto entra em um período de crise e decadência no Ocidente. A forma como a literatura comparada é usada, em lugares como China, Brasil, Índia ou muitas nações africanas, é construtiva na medida em que é empregada para explorar tanto as tradições indígenas quanto as tradições importadas (ou impostas), abrindo todo o problema vexado do cânone.

Não há nenhuma sensação de crise nesta forma de literatura comparada, nenhuma discussão sobre os termos a partir dos quais começar a comparar, porque esses termos já estão estabelecidos. O que está sendo estudado é a forma como a cultura nacional foi afetada pela importação, e o foco é essa cultura nacional. O argumento de Ganesh Devy de que a literatura comparada na Índia coincide com a ascensão do nacionalismo indiano moderno é importante, porque serve para nos lembrar das origens do termo 'Literatura Comparada' na Europa, um termo que apareceu pela primeira vez em uma época de lutas nacionais, quando novas fronteiras estavam sendo erguidas e toda a questão da cultura nacional e da identidade nacional estava em discussão em toda a Europa e nos Estados Unidos da América em expansão.

É possível argumentar que, ao chegarmos ao final do século XX, entramos em uma nova fase na conturbada história da literatura comparada. Não há dúvida de que o assunto está em crise no Ocidente, embora seja interessante especular sobre o que acontecerá quando os antigos estados do Leste Europeu revisarem seus currículos, pois vivem uma fase de nacionalismo que há muito desapareceu nos estados capitalistas ocidentais.

Um declínio no número de alunos, a ansiedade de muitos comparatistas manifestada em textos de defesa ou a relutância em definir exatamente em que consiste sua disciplina, uma aparente continuação da velha ideia da literatura comparada como um estudo binário, ou seja, como um estudo de dois autores ou textos de dois sistemas diferentes (embora o problema de definição de sistemas seja complexo e não resolvido), todos esses fatores reforçam a imagem de um assunto desorientador e, mesmo com a proliferação de cursos de teoria literária e teoria pós-colonial, o catálogo das editoras lista os livros desses campos sob diferentes títulos. Porém, novamente, está claro que o tema está se expandindo e se desenvolvendo em muitas partes do mundo que estão explicitamente ligadas a questões de cultura e identidade nacional. A literatura comparada está abrindo novos caminhos em desenvolvimentos fora da Europa e dos Estados Unidos, e há muito a aprender com esse desenvolvimento.

Enquanto a literatura comparada no Terceiro Mundo e no Extremo Oriente muda a agenda do assunto, a crise no Ocidente continua. A nova literatura comparada questiona o cânone dos grandes mestres europeus, e esse processo coincide com outros desafios - o da

crítica feminista, que questionou a orientação masculina da história cultural; e o da teoria pós-modernista, que revaloriza o papel do leitor e, por meio da obra de escritores como Jacques Derrida e Pierre Bourdieu, expôs o papel desempenhado pelas forças subterrâneas das estruturas de poder institucionalizadas, disfarçadas de centros de liberalismo universal.

Vale notar, no entanto, que os leitores ocidentais estão abordando esses desafios sem recorrer à chamada "literatura comparada". O *boom* de livros sobre literatura pós-colonial no início dos anos 1990 refletiu um interesse renovado neste campo de estudo até então controverso. As observações iniciais de **The Empires Write Back** (subtítulo: *Theory and Practice of Post-Colonial Literature*) incluem a frase: “O termo ‘pós-colonial’ [...] é o termo mais apropriado para a nova crítica intercultural que se fundiu nos últimos anos e para o discurso através do qual esse termo é constituído” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1989, p. 2, tradução minha<sup>21</sup>). O que é isso senão literatura comparada sob outro nome?

Outro desenvolvimento em rápida expansão nos estudos literários, e que tem profundas implicações para o futuro da literatura comparada, são os estudos de tradução. Desde que o termo foi usado pela primeira vez em meados da década de 1970, o assunto cresceu a tal ponto (por meio de publicações, conferências, cátedras universitárias, programas de pesquisa etc.) que muitos agora o consideram uma disciplina em si. O que distingue os estudos da tradução da tradução tradicional é sua derivação da teoria dos polissistemas desenvolvida por Itamar Zohar e, posteriormente, por Gideon Toury em Tel Aviv<sup>22</sup>.

Os estudos da tradução serão discutidos com mais detalhes posteriormente<sup>23</sup> neste livro, mas essencialmente os estudos-chave para sua rápida expansão e entrada bem-sucedida nos estudos literários reside em sua ênfase na literatura como um 'conglomerado de sistemas' diferenciado e dinâmico, caracterizado por oposições internas e dinâmicas turnos. Essa noção de literatura como um polissistema vê os sistemas literários individuais como parte de um todo multifacetado, mudando assim os termos dos debates sobre culturas “majoritárias” e “minoritárias”, sobre literaturas “grandes” e literaturas “marginais”. Além disso, os estudos da tradução decorrem de trabalhos nas áreas de linguística, estudos literários, história, antropologia, psicologia, sociologia e etnologia, e levantam a proposição radical de que a tradução não é uma atividade marginal, mas sempre foi e continuará sendo uma grande força que impulsiona a mudança na história cultural. A literatura comparada tradicionalmente afirma

<sup>21</sup> No original: “the term “post-colonial” [...] is most appropriate as the term for the new cross-cultural criticism which has merged in recent years and for the discourse through which this is constituted.”

<sup>22</sup> Conferir: Even-Zohar (1979); Hermans (1985); Toury (1980).

<sup>23</sup> N.T.: A tradução do capítulo “From Comparative Literature to Translation Studies”, realizada por mim, foi publicada no volume 24, número 47 da Revista Brasileira de Literatura Comparada. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.8, n.12, p.74-87, 2022.

que a tradução é uma subcategoria, mas essa suposição agora é questionada. O trabalho de Toury, Lefevere, Hermans, Lambert e muitos outros estudiosos mostra que a tradução é especialmente importante em tempos de mudança cultural. Even-Zohar acredita que quando uma cultura está em um período de transformação, ocorrem extensas atividades de tradução: quando está se expandindo, quando precisa ser atualizada, quando está em um estágio pré-revolucionário, a tradução desempenha um papel vital. Por outro lado, quando uma cultura está profundamente arraigada, quando está em uma fase imperialista, quando se vê como dominante, a tradução é menos importante.

Esta visão explica por que, em termos simples, as nações europeias emergentes no início do século XIX, aquelas envolvidas em lutas contra os impérios austro-húngaro ou otomano, traduziam tão entusiasmamente, e por que a tradução para o inglês começou a diminuir à medida que o Império Britânico estendia seu alcance cada vez mais. Mais tarde, como o inglês se tornou a língua da diplomacia internacional no século XX (e, também, a língua comercial mundial dominante), havia pouca necessidade de traduzir, daí a relativa pobreza de tradução para o inglês no século XX, comparado com a proliferação de traduções em muitos outros idiomas. Quando a tradução não é exigida nem desejada, torna-se uma atividade de baixo status, mal remunerada e desconsiderada, e as implicações do processo são cada vez mais exploradas pelos tradutores, oferecendo efetivamente uma nova forma de olhar a história cultural, considerando tanto as consequências das mudanças sócio-históricas que afetam a produção literária em diferentes culturas, e a estrutura linguística de um texto conforme ele é transportado através das fronteiras linguísticas.

De fato, pode ser que precisemos reavaliar o papel dos estudos de tradução em relação à literatura comparada, pois enquanto a literatura comparada no Ocidente parece estar perdendo terreno, mesmo que se torne mais nebulosa e vagamente definida, os estudos da tradução estão submetendo-se ao processo oposto. Assim como se tornou necessário que a linguística repense a sua relação com a semiótica, aproxima-se o tempo para a literatura comparada repensar a sua relação com os Estudos de Tradução. A semiótica foi inicialmente considerada como uma subcategoria da linguística, e só mais tarde ficou claro que se trata do contrário, isto é, a linguística era, de fato, um ramo de uma disciplina mais ampla, a semiótica.

A literatura comparada sempre reivindicou a tradução como uma subcategoria, mas como os estudos de tradução se estabelecem firmemente como uma disciplina baseada no estudo intercultural e que oferece uma metodologia de algum rigor, tanto em termos de trabalho

teórico como descritivo, a literatura comparada parece menos uma disciplina e mais um ramo de outra coisa.

Visto desta forma, o problema da crise poderia então ser colocado em perspectiva, e o longo e não resolvido debate sobre se a literatura comparada é ou não uma disciplina por si só poderia finalmente e definitivamente ser arquivado.

## Referências

### Referência principal

BASSNETT, Susan. What is comparative literature today? *In*: BASSNETT, Susan. *Comparative Literature – Critical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1993, p. 1-12.

### Referências no corpo do texto:

ARNOLD, Matthew. On the Modern Element in Literature. Inaugural Lecture delivered in the University of Oxford, 14 November 1857.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. London and New York: Routledge, 1989.

BHABHA, Homi. Articulating the Archaic: Notes on Colonial Nonsense. *In*: COLLIER, Peter; GEYER-RYAN, Helga (eds). *Literary Theory Today*. Cambridge: Polity Press, 1990, p. 203-19.

CROCE, Benedetto. Comparative Literature. *In*: SCHULTZ, Hans Joachim; RHEIN, Phillip H. Rhein (eds). **Comparative Literature: The Early Years**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1973, p. 215-23.

DEVY, Ganesh. Comparative Literature in India, *New Quest*, n. 63, May-June 1987, p. 133-147.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystems Theory, *Poetics Today* I, 2 (Autumn, 1979) pp. 237-310.

GAYLEY, Charles Mills. What is Comparative Literature?. *Atlantic Monthly*, Cambridge, v. 92, 1903, p. 56-68.

GOETHE, Johann W. von. Some Passages Pertaining to the Concept of World Literature. *In*: SCHULZ, Hans Joachim; RHEIN, Phillip H. (eds). **Comparative Literature: The Early Years**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1973, p. 3-11.

HERMANS, Theo (ed.). **The Manipulation of Literature**. London: Croom Helm, 1985.

JOST, François. A Philosophy of Letters. *In*: JOST, François. **Introduction to Comparative Literature**. Nova York: Bobbs Merrill, 1974, p. 21-30.

LEVIN, Harry. **Grounds for Comparison**. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1972, p. 74-90.

LONGXI, Zhang. The Myth of the Other: China in the Eyes of the West. *In*: ZHOUHAN, Yang; DAIYUN, Yue (eds) *Cultural Inter-flow East and West: Literatures, Histories and Literary Histories*. Shenyang: University of Liaoning Press, 1989, p. 188-223

MAJUMDAR, Swapan. *Comparative Literature: Indian Dimensions*. Calcutta: Papyrus, 1987.

SAID, Edward. **Orientalism**. London: Routledge and Kegan Paul, 1978.

SNEAD, James A. Repetition as a figure of black culture. *In*: GATES JR., Harry Louis (ed.) *Black Literature and Literary Theory*. New York and London: Methuen, 1984, p. 59-80.

TOURY, Gideon. **In Search of a Theory of Translation**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1980.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Theory of Literature**. London: Jonathan Cape, 1949.

WELLEK, René. The Crisis of Comparative Literature. *In*: WELLEK, René. *Concepts of Criticism*. New Haven and London: Yale University Press, 1963, p. 282-96.

Traduções consultadas

CROCE, Benedetto. A Literatura Comparada. *In*: COUTINHO, Eduardo Faria; CARVALHAL, Tania Franco (orgs). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 60-64.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. Revisão da tradução João Azenha Jr. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Biblioteca universal)

JOST, François. Uma Filosofia das Letras. Tradução de Neusa da Silva Matte. *In*: COUTINHO, Eduardo Faria; CARVALHAL, Tania Franco (orgs). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 334-347.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Laís Carlos Borges; revisão da tradução Silvana Vieira; revisão técnica Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica)